

boletim



DA ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES EM ESTRUTURAS SINDICAIS
JANEIRO/FEVEREIRO 2011

PRESIDENCIAIS

2011

GRANDE COMICIO

**CAMPO PEQUENO, LISBOA
DOMINGO, 16 JANEIRO – 16H00**

**ESPECTÁCULO COM A
QUADRILHA**

Porque

“É PRECISO VALORIZAR O TRABALHO E OS TRABALHADORES”

“É PRECISO TRANSFORMAR DESÂNIMOS E RESIGNAÇÕES EM ESPERANÇA COMBATIVA”

NÓS VOTAMOS FRANCISCO LOPES!

PRESIDENCIAIS
2011
FRANCISCO LOPES

No passado **dia 09**, mais de 5 000 Camaradas e Amigos, deram vida ao **Palácio de Cristal**, no **Porto**, para apoiar a candidatura de Francisco Lopes à Presidência da República



No **dia 10**, o **Salão Nobre da Voz do Operário**, foi pequeno para todos os que, com alegria, determinação e confiança lá estiveram



DOMINGO

Dia 16 de Janeiro, às 16h00

Seremos também muitos mil a fazer do **Campo Pequeno** um imenso espaço de apoio a Francisco Lopes.

Vamos todos participar no

GRANDE COMÍCIO

Onde não faltarão alegria e música com os nossos amigos da **QUADRILHA!**

QUINTA-FEIRA
Dia 20 de Janeiro, às
17h30

ARRUADA
pela Baixa de Lisboa, com
concentração no
Largo do Chiado

Acompanha a campanha de
Francisco Lopes a par e
passo em

www.franciscolopes.pt

Não deixes que te enganem
Mantém-te informado/a

 **Avante!**

LÊ E DIVULGA

O Militante

E não te esqueças, podes sempre actualizar a tua informação em:

www.pcp.pt e em www.dorl.pcp.pt

VAMOS REFORÇAR O NOSSO PARTIDO!

Fomos e somos um grande Partido! Orgulhamo-nos de ser Comunistas e de pertencer a um grandioso colectivo partidário onde, mulheres e homens, jovens de idade ou de espírito, operários ou "doutores", todos somos chamados a participar e a intervir.

Temos dado grandes passos, alguns até de gigante, mas isso não apaga nem esconde insuficiências e dificuldades. Também não o queremos esconder! Queremos sim, trabalhar ainda com mais afinco, para melhorar e reforçar a nossa organização.

E esse reforço está intimamente ligado ao trabalho de proximidade que todos temos que fazer junto de cada trabalhador, à discussão franca e fraterna dos problemas - no dia-a-dia como em reuniões regulares - ao pagamento da quota e à leitura dos órgãos do Partido - o Avante e o Militante - à distribuição de tarefas, à definição de objectivos, ao controlo da sua execução e à assunção de responsabilidades.

Neste reforço, *é indispensável e insubstituível a ligação dos militantes na base da sua participação em reuniões regulares e do contacto pessoal...* É essa ligação que nos permite conhecer melhor os problemas dos trabalhadores e que nos dá base para o esclarecimento. Só assim, alargaremos a nossa consciência de classe. Só assim seremos capazes de melhorar a nossa resposta perante as dificuldades e ataques que enfrentam os trabalhadores no nosso país.

Neste trabalho de reforço, todos somos precisos!

Se o tempo não chega para tudo e nos impede de assumir tarefas de maior responsabilidade, então damos o possível e assumimos uma tarefa que esteja de acordo com a nossa disponibilidade;

Se não podemos estar em todas as iniciativas, podemos ir a uma ou a outra, podemos participar numa distribuição, senão ao fim da tarde, logo cedo pela manhã ou até à hora de almoço;

Podemos contribuir pondo ideias no papel e entregá-lo à/o responsável de célula...Trabalho não falta e formas de contribuir também não! Precisamos de ti para um PCP mais forte!

**NÃO DEIXES QUE OS OUTROS DECIDAM POR TI
PARTICIPA NA VIDA DO PARTIDO, ELA TAMBÉM É TUA!**

EDITORIAL

Iniciamos mais um ano de luta, em que vai ser necessário reforçar a nossa intervenção em todos os planos da vida nacional.

A finalizar o ano de 2010, os trabalhadores portugueses, após um ano de lutas diversificadas em todos os sectores, realizaram uma grandiosa GREVE GERAL, demonstrando assim ao governo e ao patronato que, apesar da forte ofensiva que enfrentamos, **NÃO DESISTIMOS.**

O agravamento das medidas contra os trabalhadores e a população mais desfavorecida do nosso país, de que o roubo do salário mínimo é um dos exemplos, determina a necessidade **de intensificar e alargar a luta de massas neste ano de 2011. Este é o único caminho que permitirá mudar o rumo da política que só garante - mais desemprego, pobreza e miséria.**

A candidatura presidencial do Camarada Francisco Lopes, integra-se nesta estratégia de enfrentamento e denúncia do ataque destruidor dos direitos dos trabalhadores e das conquistas de Abril. É a candidatura que se afirma pela ruptura e pela mudança.

Esta é a candidatura em que os trabalhadores se identificam com a sua natureza de classe, os seus interesses e objectivos. Esta candidatura é a voz que grita os seus anseios, os mesmos que há 90 anos deram origem ao nascimento do Partido da Classe Operária e de todos os Trabalhadores, o Partido Comunista Português.

Vamos intensificar o trabalho na campanha eleitoral para reforçar a nossa intervenção política.

Vamos conquistar, voto a voto, a candidatura de Francisco Lopes

11ª Assembleia da Organização dos Comunistas Trabalhadores em Estruturas Sindicais

Lisboa, 10 de Fevereiro de 2010

Com os Trabalhadores, lutar pela ruptura e mudança!

O reforço do PCP, a sua capacidade de acção e intervenção junto da classe operária e de todos os trabalhadores e das populações, assumem importância acrescida na muito difícil situação actual.

O agravamento da crise do capitalismo e as suas repercussões sobre os trabalhadores, a política de direita dos sucessivos governos que conduziram o nosso país à actual situação, bem como o previsível aumento das dificuldades neste ano que agora se inicia, com as consequências das medidas constantes dos vários PEC's e do Orçamento de Estado a recaírem sobre os trabalhadores e as populações, exigem de cada um de nós um crescente contributo para reforçar a nossa organização partidária, dotando-a assim de melhores condições para agir e intervir, resistir e lutar pela ruptura e mudança necessárias, por uma política patriótica e de esquerda para o nosso país.



No momento que atravessamos, de brutal retrocesso social, precisamos ainda mais de reforçar o movimento sindical de classe, dotando-o de condições para o desenvolvimento

da luta e organização dos trabalhadores, tendo os trabalhadores sindicais uma importância de grande relevo na capacidade de intervenção e acção das estruturas sindicais.

É neste quadro de grande exigência que, em 10 de Fevereiro de 2011, se realiza a 11ª Assembleia da Organização dos Comunistas Trabalhadores em Estruturas Sindicais (TES) do Sector Sindical da ORL.

A redobrada atenção que teremos que dar ao funcionamento dos organismos e melhoria da sua intervenção e influência nos respectivos locais de trabalho, ao recrutamento de novos militantes, à recolha e controlo do pagamento das quotizações, à formação ideológica, à compra e leitura da imprensa do Partido e as condições de trabalho dos TES, são aspectos que terão de estar presentes no debate preparatório e na Assembleia.

Com a nossa 11ª Assembleia pretendemos o reforço da nossa organização e o aumento da participação e militância dos comunistas trabalhadores em estruturas sindicais na actividade do Partido e uma cada vez maior ligação aos restantes trabalhadores sindicais.

Para isso, é fundamental que os militantes participem, quer dando contributos individuais e colectivos para as orientações e medidas a integrar na Resolução, quer com a sua presença e intervenção na Assembleia, para garantir um debate e conclusões que sejam o reflexo da realidade vivida nos locais de trabalho e que as orientações para a acção e intervenção dos comunistas trabalhadores em estruturas sindicais contribuam para aumentar e melhorar a influência e intervenção do nosso Partido para a ruptura e mudança necessárias.

“Com os Trabalhadores, lutar pela ruptura e mudança!”

É PRECISO CONTINUAR A LUTAR!

De resistência e luta tem sido feito o dia-a-dia dos trabalhadores e do povo português. Um dia-a-dia marcado pelo aumento do desemprego, da precariedade, dos baixos salários e do roubo de direitos. Um dia-a-dia marcado pelas desastrosas políticas de José Sócrates, em conluio com Passos Coelho e outros que, afirmando ser oposição vão, de cedência em cedência, retalhando o nosso país e entregando, de mão beijada, Portugal aos ditames dos grandes grupos económicos e da especulação.

Na linha do que afirma a própria UE de que, “dois anos de crise, destruíram vinte anos de consolidação orçamental” – leia-se, consolidação desigual e injusta que apenas tornou os ricos mais ricos e poderosos, que tornou os trabalhadores mais pobres e que atirou milhões de pessoas para as malhas da pobreza – os governantes portugueses, tudo têm feito contra os trabalhadores e o povo, saqueando-os diariamente e privando-os, cada vez mais, de direitos fundamentais consagrados na Constituição, senão veja-se:

- Do direito à saúde tendencialmente gratuita, que garante o acesso de todos os cidadãos a cuidados médicos preventivos, curativos e reabilitacionais;
- Do direito ao ensino e à progressiva gratuitidade em todos os seus graus;
- Do direito à habitação em condições de higiene e conforto, com um sistema de renda compatível com o rendimento familiar e de acesso à habitação própria;
- Do direito ao trabalho remunerado, com observância do princípio da igualdade

Hoje somos confrontados com o aumento (em 23%) das taxas moderadoras e à retirada de isenção do seu pagamento a todos os que, estando desempregados, recebem subsídios acima do SMN; ao aumento do preço dos medicamentos e do número de medicamentos não comparticipados;

Hoje somos confrontados com o crescente número de encerramentos de estabelecimentos escolares de ensino, à redução de verbas e apoios sociais para a educação e à redução dos horários dos professores, deixando milhares de alunos em situação de carência; ao aumento dos manuais escolares e ao aumento das propinas para valores que impedem cada vez mais famílias de ver os seus filhos na universidade;

Hoje somos confrontados com a situação angustiante em que vivem milhares de famílias que, com a perda de poder de compra, são obrigadas a fazer uma “ginástica” que, em muitos casos, atinge limites extremos, para garantir que não ficam sem casa; crescem o número de casas entregues aos bancos e as intenções de despejo por falta de pagamento;

Hoje somos confrontados com o encerramento diário de empresas – Portugal é o país com maior taxa de encerramento na UE (70% encerram no primeiro ano de vida) – e à conseqüente destruição de postos de trabalho, onde mulheres e jovens são particularmente afectados; crescem os contratos a termo a troco de baixos salários e perante a tentativa constante de desregulamentar os horários de trabalho; congelam-se salários e pensões, penalizando quem trabalha e quem trabalhou uma vida inteira.

Perante estas e outras medidas com que nos tem “brindado” Sócrates, cresce o descontentamento dos trabalhadores, cresce o descontentamento da população. Um descontentamento que tem levado cada vez mais milhares de mulheres e de homens para a rua, a gritar a plenos pulmões “É preciso é urgente, uma política diferente”, a gritar “Quem luta sempre alcança, queremos a mudança”.

Um descontentamento que fez da GREVE GERAL de 24 de Novembro de 2010 uma das mais importantes e significativas jornadas de luta realizadas no Portugal de Abril. Uma Greve que traduziu, de forma clara e inequívoca, o descontentamento de cerca de três milhões de trabalhadores, envolvendo quase todos os sectores de actividade; uma Greve que paralisou transportes, que fechou escolas, que paralisou fábricas, que encerrou bancos e postos de correio, que teve adesões consideráveis no comércio e nos serviços e onde não faltou a adesão de forças de segurança. Uma Greve que, claro está, teve toda a força e apoio do Partido Comunista Português!



Foi uma grandiosa Greve Geral, mas não foi o fim do brutal ataque que nos têm desferido! **Temos que continuar a resistir e a lutar, todos os dias, contra o conformismo e a resignação, esclarecendo e mobilizando os trabalhadores e a população, afirmando, na teoria como na prática, que todos juntos, temos força para mudar de rumo e construir um Portugal mais justo, assente nos valores de Abril.**

RESISTÊNCIA E LUTA, RUMO À VITÓRIA!

2011

Ampliar a Resistência e a Luta

Entramos no novo ano enfrentando as duras consequências da actual crise do sistema capitalista. A produção real diminui, a economia estagna, desvalorizam-se os salários e rendimentos dos trabalhadores e das camadas mais desfavorecidas, baixa brutalmente o seu poder de compra. Em nome de “soluções” para a crise, o grande capital e os governos ao seu serviço estão, uma vez mais, a fazer pagar a crise que desencadearam aos mesmos de sempre.

Sempre invocando o combate à crise e a necessidade de reduzir défices e dívidas, da responsabilidade das políticas de direita, avançam com medidas de brutais reduções salariais, de rendimentos e de prestações sociais e de ataque aos serviços públicos, e lançam uma violenta ofensiva contra os direitos laborais e sociais. As consequências aí estão: galopante aumento do desemprego e da precariedade, brutal e rápido aumento da pobreza e da exclusão. Uma autêntica tragédia social, sem precedentes nas últimas décadas.



Muitos governos neoliberais, como o de Portugal, dizem estar a responder à crise, injectando capital em instituições financeiras e, em alguns casos, “nacionalizando” outras, para as salvar da falência. Esses fundos públicos, como no caso do “nosso” BPN são, na sua esmagadora maioria, dos povos. Assim se transferem os prejuízos da brutal e criminosa especulação dessas instituições capitalistas para a população em geral, delapidando o erário público, enquanto se subsidiam os ricos e se incentivam o crescente aumento e concentração do capital e a rápida acumulação de escandalosos lucros.

Os defensores do sistema fazem tudo para nos convencer de que se tratam, tão só, de erros e excessos de especuladores e dos ditos “mercados”, que é possível combater, regular e ultrapassar e que tudo vai voltar a normalizar-se. Tentam convencer-nos que o que se passa é apenas um sobressalto temporário do sistema “infalível e único”.

O problema é que esta crise é inerente ao próprio sistema capitalista, que se alimenta desta e de muitas outras crises, em constante e insaciável procura do aumento e concentração do capital e do lucro.

Não há “regulação” ou “transparência” que valha num quadro da economia de mercado, num contexto neoliberal globalizado, de absoluta e livre circulação de capitais e de paraísos fiscais. Este capitalismo selvagem não pode ser nem “domesticado” nem “moralizado”.

A actual crise tem, entretanto, a virtude de demonstrar, de forma agora bem mais clara, que o triunfalismo capitalista das últimas décadas está profundamente abalado e que os trabalhadores e os povos começam rapidamente a despertar e a entender melhor a natureza predadora de um sistema profundamente injusto e desumano, cujos limites históricos se tornam agora bem mais nítidos.



Prova evidente são as poderosíssimas acções de massas e lutas dos trabalhadores e dos povos que se têm desenvolvido um pouco por todo o mundo e, de forma cada vez mais intensa, em Portugal e em muitos outros países europeus. Protestos sindicais e populares são hoje o dia-a-dia das notícias europeias. Enormes greves gerais,

paralisações e manifestações - como em Portugal, Grécia, Espanha, Itália, França, Irlanda, ou mesmo no Leste Europeu - testemunham a crescente combatividade e determinação dos trabalhadores que exigem políticas alternativas, de mais justiça económica e social.



É particularmente sintomático que, apesar do papel de direcções sindicais reformistas, defensoras da “conciliação de classes”, como é o caso da UGT em Portugal, os trabalhadores manifestem a sua revolta e imponham a realização de acções de massas, construindo, em muitos casos, processos de unidade na acção que são essenciais para incrementar a resistência e luta nos difíceis tempos que se avizinham. Nestas lutas têm sido e continuarão a ser determinantes e insubstituíveis os comunistas e os sindicalistas com orientação de classe e de massas, como acontece no nosso país com o PCP e com a CGTP-IN.

Em 2011, face às perspectivas existentes e às medidas que o grande capital já prepara, sabemos que vamos ter pela frente duríssimas batalhas e desafios de enorme envergadura, sendo, por isso, muito necessário e urgente intensificar a nossa resistência e luta. A alternativa dos trabalhadores e dos povos é pois reforçar a sua inquebrantável vontade de agir e lutar contra a exploração e a opressão capitalistas e em defesa dos seus direitos laborais e sociais.

Desde já, é prioritário tudo fazermos para

garantir, com a nossa dedicada intervenção na campanha eleitoral em curso, um grande resultado para a candidatura patriótica e de esquerda, do Camarada Francisco Lopes.

Ao longo do novo ano, é decisivo reforçar a nossa organização e intervenção partidária, para uma cada vez mais forte afirmação do nosso Partido, no ano do seu 90º Aniversário, junto dos trabalhadores e do nosso povo.

É fundamental também, num ano em que se vai preparar o 12º Congresso da CGTP-IN, contribuirmos, enquanto comunistas trabalhadores em estruturas sindicais, para assegurar o seu êxito, que é indispensável para reafirmar o insubstituível papel de classe que a nossa central desempenha no reforço da unidade dos trabalhadores, mobilizando-os para a intervenção e luta.



É essencial que cada um de nós possa dar um pouco mais de si, do seu tempo, da sua disponibilidade e da sua militância revolucionária para vencermos colectivamente os difíceis obstáculos com que estamos confrontados.

É com enorme esperança e confiança nos trabalhadores e no povo que saberemos fazer deste ano de 2011, um ano de crescente reforço da nossa organização e da nossa intervenção, dizendo NÃO às injustiças sociais, exigindo um novo rumo para Portugal, para a Europa e para o Mundo e lutando pela conquista de mais amplos direitos para os trabalhadores e os povos e pela superação do capitalismo.

FRANCISCO LOPES A VOZ DOS TRABALHADORES

Muito se tem dito e escrito sobre o nosso candidato à Presidência da República, Francisco Lopes.

Para uns vem do “desconhecido”, para outros já não se pode dizer o mesmo. Para uns, isto é, para aqueles que têm governado o país nas últimas três décadas e que o têm afundado, é o candidato do PCP, que é electricista e assim o chamam com sarcasmo. Como se algum país do mundo progredisse só com doutores e engenheiros.



Ainda assim, todos os outros candidatos sabem da actualidade e da verdade das suas propostas, de aumento dos salários, com “Portugal a produzir para exportar mais e importar menos”, por uma política que não ponha os “de baixo” a pagar a crise que “os de cima” criaram, mas que implemente taxas aos lucros da banca e dos grandes grupos económicos.

É por saberem desta realidade que se afinam nas críticas mais ridículas. Temos bons exemplos disso nos debates televisivos de Dezembro. Um deles, quando o Camarada Francisco Lopes, numa das suas intervenções, desmascarou Cavaco Silva no caso BPN e este, sem argumentos, se viu obrigado a criticar a sua intervenção. Foi bem perceptível o incómodo de Cavaco Silva e é caso para dizer que ficou “em brasa” por Francisco Lopes lhe ter “descoberto a careca”.

Para outros, Francisco Lopes, de desconhecido nada tem. As vozes de apoio e confiança de milhares de trabalhadores que tiveram o contacto directo com o seu candidato assim o comprovam.

Têm sido muitas as visitas feitas por Francisco Lopes às empresas e locais de trabalho, lá onde se dá a exploração, onde os trabalhadores vivem os seus problemas concretos. Lá, onde os outros não

vão, porque são eles os culpados do estado a que chegou o nosso país e dessa responsabilidade não podem fugir.

Lá, onde os outros não vão, porque não estão minimamente preocupados com os problemas de quem trabalha, mas antes com os mercados financeiros e que os seus amigos da política de direita assegurem os seus milhões de euros de lucros no final do mês.

A candidatura de Francisco Lopes em tudo se distingue das outras. Francisco Lopes foi o único que se pôs ao lado dos trabalhadores na grandiosa Greve Geral de 24 de Novembro; é o único que afirma, de peito aberto e sem rodeios que, com ele, este “terrorista” Orçamento de Estado para 2011 não passaria; é o único que se compromete com uma política de esquerda, ao serviço do povo e do país e não dos seus inimigos, em defesa da soberania nacional e não da venda “a retalho” do nosso país ao grande capital.

Votar Francisco Lopes é votar contra o retrocesso social, contra o aumento do IVA, contra o roubo nos salários, contra o corte no abono de família e restantes apoios sociais. Votar Francisco Lopes é votar pela mudança de rumo que urge em Portugal.



Tendo em conta as eleições Presidenciais serem neste momento, a tarefa prioritária do nosso Partido, e também **a tarefa dos Comunistas Trabalhadores em Estruturas Sindicais, é apoiarem, esclarecerem e mobilizarem para que, dia 23 de Janeiro, a confiança na força dos trabalhadores se transforme no voto útil e necessário ao país, o voto em Francisco Lopes.**

**DIA 23 DE JANEIRO, VAMOS TODOS
VOTAR FRANCISCO LOPES!**